Do Pampa à Passarela

From the pampa to the Catwalk

Joana Bosak Figueiredo

Renata Fratton Noronha[1]

Resumo

A indumentária do gaúcho sofreu um novo influxo, vindo a servir de tema e inspiração a designers de moda. É a re-significação dos elementos dessa indumentária em torno de uma *glamourização* estilística que nos leva a refletir sobre as formas contemporâneas de apropriação do passado e do tradicional com sinais opostos: marcas de uma total hibridização e símbolo de uma moda com características multiculturais.

Palavras-chave: gaúcho, identidade, multiculturalismo

Abstract

The clothing of the gaucho, a new influx has come to serve as a theme and inspiration to designers of fashion. is the re-signification of the elements of clothing around a new stylistical meaning, which leads us to reflect on contemporary forms of ownership, past and traditional with signs opposite: as marks of a total hybridization and symbol of a multicultural fashion with characteristics

Key- words: gaucho, identity, multuculturalism

[1] Joana Bosak de Figuiredo é Mestre em História e Doutora em Literatura Comparada (UFRGS). Atualmente, leciona Teoria Literária e Literatura Comparada no Instituto de Letras da UFRGS. Email: jobfigueiredo@yahoo.com.br

Renata Fratton Noronha é Especialista em Cultura de Moda pela Universidade Anhembi Morumbi. Professora do curso e Design de Moda e Tecnologia da Feevale e cursos de Pós-Graduação em Marketing e Moda e Moda, Criatividade e Inovação na Faculdade de Tecnologia Senac do Rio Grande do Sul. E-mai: ffratton@gmail.com

A Passarela

Outubro de 2007: nos chama atenção a pequena nota da *newsletter* semanal do *site* Style.it- versão italiana do Style.com- que sugere um novo "*country style*", inspirado no pampa argentino: é o "*gaucho style*"..

Apesar da nota referenciar apenas o território argentino, é importante observar que o gaúcho é fruto do hibridismo cultural que nasce da ocupação européia na região circundante ao Rio da Prata – a Argentina, parte do Chile, o Uruguai, Paraguai e sul do Brasil. E, para quem vive no Rio Grande do Sul, o uso de elementos da indumentária do gaúcho, seja no campo ou na cidade, não causa estranhamento.

Porém, quando estes mesmos elementos aparecem descritos como uma tendência para a moda inverno 2007/2008, nos convidam a refletir sobre a *glamourização* estilística em torno da "pilcha", como é chamada a roupa do gaúcho, nos remetendo a questões como o multiculturalismo e a busca de uma identidade através do vestir – proporcionada pela moda.

Ao definimos este tipo social humano a que chamamos "gaúcho", que sofreu um longo processo de elaboração cultural até ter o atual significado gentílico (Oliven,1989), observamos certos itens de sua indumentária que se mostram essencialmente funcionais em virtude de um modo de vida ligado ao campo e a apropriação de formas por parte de designers de moda que a utilizam como inspiração na construção de suas coleções.. Entre as vestes analisadas está o poncho – artigo de vestuário extremamente simples, confeccionável com diversos materiais, e frequentemente associado à liberdade e amplitude de movimento – que ultrapassa sua funcionalidade associada ao homem do pampa ao ter suas formas revisitadas, ao lado de "chiripás" e "bombachas", nas passarelas internacionais e platinas.

O Pampa

De etimologia controversa, a palavra "gaúcho", que pode ter origem nos idiomas àrabe, francês, quíchua, araucano ou guarani, designou primeiramente o habitante do campo, descendente de indígenas, portugueses e espanhóis, sem domicílio, podendo

eventulmente ter caráter pejorativo, significando “ladrão” ou “errante” (Santi, 2004). Com a organização das estâncias, já no século XIX, o termo adquire significado positivo, passando a designar o peão, hábil nas lides do campo, fruto ainda de uma necessidade econômica, impulsionda pelo o comércio de carne e couro

É também no século XIX que percebemos no Rio Grande do Sul as origens do culto às tradições gaúchas, onde a figura do gaúcho torna-se símbolo de uma identidade regional. Segundo Oliven (1991), no ano de 1868 “um grupo de intelectuais e escritores fundou em Porto Alegre o Partenon Literário, sociedade de letrados e escritores que, através da exaltação da temática regional, tentou juntar os modelos culturais vigentes na Europa e a visão positivista da oligarquia rio-grandense” (1991:40). Apesar da exaltação feita pelo Partenon à temática gaúcha, apenas em 1898 surge o Grêmio Gaúcho, “voltado para a promoção de festas, desfiles de cavalarianos, palestras e outras atividades ligadas ao culto das tradições”(Idem).

Não podemos deixar de citar, já no século XX, o surgimento, na cidade de Porto Alegre, do primeiro Centro de Tradições Gaúchas, o 35 CTG, em 1948, que busca recriar, reviver, mesmo que estilizadamente, nos centros urbanos as formas culturais do campo, originando ainda o Movimento de Tradições Gaúchas.

Archetti (2003), observa também que tradições e vestimentas *gauchas* constituíram um elemento-chave de um renascimento nacionalista na Argentina, no início do século XX, abarcando também o tango, a música e a dança. Sendo a Argentina um país com uma história em construção, recupera tradições do passado para procurar novos símbolos, em um momento que suas cidades crescem de maneira desordenada, administrando ainda a chegada dos imigrantes. Esses símbolos foram encontrados no passado, no pampa, na reconstrução imaginária de uma cultura rural e nas figuras masculinas épicas.

Cabe-nos citar aqui o historiador inglês Eric Hobsbawm (1991) que, nos mostra como a tradição não existe *a priori*. Como todo *constructo* humano, ela é construída, ou melhor, inventada por uma necessidade de afirmação e de pertencimento. A invenção de nossas tradições, como traço fundador de nossa cultura, nos ajuda a criar nossas próprias identidades, nos dando uma base palpável para prosseguirmos em nosso mapeamento no mundo, partindo de nossos próprios arredores, de nossas margens – onde nos encontramos e nos afastamos dos outros.

Construímos assim, a imagem do gaúcho, homem do pampa “cuja existência seria marcada pela vida em vastos campos, a presença do cavalo, a fronteira cisplatina, a virilidade e a bravura do homem ao enfrentar o inimigo ou as forças da natureza, a lealdade, a honra” (Oliven, 1989), trajando botas, bombachas e abrigado pelo poncho, conforme imagem de Aldo Locatelli que compõem os murais do Palácio Piratini.

Figura 1: painel de Aldo Locatelli exposto no Palácio Piratini

Corcuera (2005) observa que as habilidades do gaúcho como cavaleiro e seu modo de vida ligado ao campo, infuencia sua forma de vestir.Porém, antes de pensarmos na bombacha como ítem de vestuário representativo do gaúcho, é importante observar que esta é introduzida apenas no final da Guerra do Paraguai, em 1870. Sobra do exército turco na Guerra da Criméia (1853 - 1856), trazida por comerciantes ingleses, a bombacha já era, na Ásia, utilizada por cavaleiros, pela praticidade que lhe conferiam as pernas largas.

Até este período, o gaúcho trajava apenas o *chiripá*, peça de origem indígena que consiste em um retângulo de tecido, amarrado em volta da cintura formando uma espécie de calça solta (de le Comte, 2000).

A indumentária se complementa com o uso de botas – feitas muitas vezes à partir das patas traseiras do gado, até o perído da industrialização – chapéu e feltro ou palha e poncho, constituindo assim o que conhecemos como roupa “tradicional” ou “típica” do

gaúcho,já fruto do hibridismo cultural que nasce da ocupação européia na região circundante ao Rio da Prata.

Do Pampa à Passarela

Em tempos de esfacelamento, fragmentação ou mesmo "liquefação"[2] de identidades estas parecem ganhar uma tônica ainda maior. E o que mais pode nos identificar do que aquilo que vestimos? Nosso discurso indumentário cada vez ganha mais poder: somos representados, antecipados e mesmo obnubilados por aquilo vestimos. A roupa deixa assim de ser segunda pele, tornando-se pele primeira. Somos, ao mesmo tempo, seu continente e seu conteúdo[3].

Para refletirmos sobre as apropriações que a moda contemporânea faz do passado e do tradicional podendo compor identidades, nos voltamos à figura do gaúcho "pilchado" e dele retiramos o poncho.

Corcuera (2005) define o poncho como um retângulo de tecido, que pode medir 1,8 m por 1,4 m, com uma abertura no centro que possibilita o usuário passa-lo pela cabeça, deixando a peça solta por sobre os ombros, cobrindo amplamente o corpo e os braços. A autora também chama a atenção para a existência de ponchos curtos, chamados *ponchillo* ou *calamanco* e ressalta a importante simbologia deste traje que, de origem indígena, foi adotado e popularizado pelos europeus por ser apropriado para a vida rural, tornando-se vestimenta híbrida resultado da herança de dois mundos.

Podendo ser fabricados de lã, algodão, seda ou mesmo e lã de vicunha, o poncho, além de proteger o corpo do frio e da chuva, poderia ainda servir como cama ou abrigo, sendo um dos poucos bens materiais do gaúcho (Corcuera,2005:170).

Fagundes (2001) ressalta que no Rio Grande do Sul também se faz uso do termo *pala* para designar veste retangular com a barra franjada, peça vista ainda nos dias de hoje, quando o inverno se faz rigoroso, compondo uma imagem nostálgica ou mesmo uma

---

[2] Referimo-nos, aqui, às múltiplas acepções que o termo líquido recebeu do cientista social Zygmunt Bauman em diversos livros publicados nos últimos vinte anos, pelo menos.

[3] Sobre isso já teorizava Virginia Woolf em seu romance Orlando, de 1928, que discute a moda dentro de uma abordagem maior a respeito da constituição de gêneros humanos.

estética relacionada ao frio, se pensarmos que o Rio Grande do Sul simboliza o frio no Brasil (Ramil, 1993).

O mesmo poncho que abriga o gaúcho aparece na passarela do designer italiano Roberto Cavalli como uma proposta para o inverno 2007/2008- cobrindo agora o corpo da modelo gaúcha Raquel Zimmermann- exaltando um certo charme andrógino, em tons cinzas e perolados, convertendo-se em *"Gaucho Style"*

Figura 2: criação do designer italiano Roberto Cavalli, inverno 2007/2008

Assim como Cavalli, a designer portoalegrense Karen Raíssa também lança seu olhar ao pampa gaúcho para construir a coleção "Campo Aberto", para o inverno/2006. Karen, que antes de cursar Moda e Estilo na Universidade de Caxias do Sul estudou Arquitetura, articula elementos artesanais –como o "favo", que decora as bombachas- e volumes, para compor uma imagem nostálgica e feminina-mesmo quando faz uso de elementos gaúchos tipicamente masculinos.

Figura3: criação da designer gaúcha Karen Raíssa para o inverno/2006-06-30

Em solo argentino, fazemos referência a Dorina Vidoni que com suas peças autorais e confortáveis,feitas geralmente de malha circular, nos remete às formas do *chiripá*. Ainda as ruas de Palermo, bairro de Buenos Aires que ganhou novo fôlego com o *diseño de autor*[4], encontramos garotas cheias de estilo usando *babuchas*: calças folgadas que lembram bombachas, misto de originalidade e revalorização do tradicional.

Considerações Finais

Se Cavalli se apropria das características diversas do gaúcho com um tom de exotismo, a busca de designer gaúchos por referências remetentes a sua tradição, nos levam a pensar em uma *glamourização* estilística onde o passado e o tradicional se unem para reforçar um estilo, ou até mesmo para constituir de uma identidade nacional, através da moda, se pensarmos no panorama argentino, conforme sugere Saulquin (2005).

Já ao percebermos a intenção de designers riograndenses em revisitar elementos da cultura e indumentária gaúcha, podemos refletir sobre a menção de reforçar um estilo ou ainda forma de marcar território em um mercado em desenvolvimento.

[4] Ver Susana Saulquin: Historia de la Moda Argentina, Del miriñaque al diseño de autor.

A roupa que surge como funcional a um estilo de vida, no caso do gaúcho, transforma-se em estilo, convertida em “Moda *gaucho*”. A indumentária rompeu barreiras geográficas e faz a viagem de volta dos pioneiros europeus: ela conquista a moda em sua expressão maior, a passarela. Assim, a roupa tradicional ultrapassa sua perspectiva inicial convertendo-se em produto de moda.

Referências Bibliográficas

COMTE, Mônica Gloria Hoss. El Gaúcho, Buenos Aires. Ed. Maizal,2007

FAGUNDES, Antonio Augusto, Indumentária Gaúcha,Porto Alegre. Ed. Martins Livreiro, 2001

GONZAGA, Sergius, FISCHER, Luís Augusto, Nós, os gaúchos. Porto Alegre. Ed. UFRGS,1993.

OLIVEN, Rubem George. "O Nacional e o Regional na Construção da Identidade Brasileira." *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 1(2), p. 68-74,1986

_____. "O Rio Grande do Sul e o Brasil: uma relação controvertida." *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 3(9), p. 5-14, 1989

_____ "Em Busca do Tempo Perdido: o movimento tradicionalista gaúcho." *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 6(15), p. 40-52., 1991

ROOT, Regina, The Latin American Fashion Reader. New York.Berg, 2005